

# O CONTEXTO E O INTERTEXTO NA MÚSICA *PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES*, DE GERALDO VANDRÉ

Adriana Alves Santana

Licenciatura em Letras Vernáculas

dricaalves20@hotmail.com

Joseane de Jesus Pereira Araujo

Licenciatura em Letras Vernáculas

annylevita36@hotmail.com

Laila Kelly Almeida Jesus,

Licenciatura em Letras Vernáculas

kely.alemeida@yahoo.com.br

Telma de Oliveira Santana

Licenciatura em Letras Vernáculas

telmaoliveira32@gmail.com

**Resumo:** A música *Pra não dizer que não falei de flores*, do compositor brasileiro Geraldo Vandré, tem grande importância na história político-social do Brasil e suas contribuições para a transformação da sociedade brasileira perduram até os dias atuais. A letra de uma música traz consigo pensamentos de uma época, ideologias e características da cultura de um povo e, como um texto, é formada por elementos pragmáticos que trazem informatividade e a situacionalidade de sua composição. Neste trabalho, abordamos os aspectos pragmáticos como a intertextualidade e o contexto histórico da época – a década de 60 e sua interferência na composição da música.

**Palavras-chave:** Contexto; Intertexto; Década de 60.

**Resumen:** La música *Pra não dizer que não falei de flores*, del cantautor brasileño Geraldo Vandré, tiene gran importancia en la historia social y política de Brasil y sus contribuciones a la transformación de la sociedad brasileña persiste hasta hoy. La letra de una canción trae pensamientos de una época, las ideologías y las características culturales de un pueblo y tal cual



un texto, está formada por elementos pragmáticos que traen situacionalidad e informatividad en su composición. En este trabajo se abordan los aspectos pragmáticos tales como la intertextualidad y el contexto histórico de la época - los años 60 y su influencia en la composición musical.

**Palabras-clave:** Contexto, Intertexto, Decenio 60.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, propomo-nos a fazer uma análise sobre os fatores de textualidade presentes na música “Pra não dizer que não falei de flores”<sup>1</sup> do compositor brasileiro Geraldo Vandré. Para tanto, este trabalho consiste na análise dos fatores pragmáticos de contextualidade, em que a música foi produzida, e de intertextualidade encontrada na letra da canção a partir do referencial teórico das autoras Maria da Graça Val (1991) e Ingedore Villaça Koch & Vanda Maria Elias (2009).

A escolha desse tipo de texto justifica-se por entendermos que a música, como qualquer outro texto, busca de alguma forma transmitir informações ao receptor, principalmente as que foram compostas entre as décadas de 60 e 80, que geralmente evidenciam a situação social, política e a valorização cultural da época. Como afirma Bakhtin (1997:330), todo texto tem um sujeito, um autor (que fala, escreve). Formas, aspectos e subaspectos que o ato do autor pode assumir. Isso justifica a escolha da música de Geraldo Vandré para esta análise, por este ser um compositor que despertou polêmica pela sua maneira direta de atacar o governo. A música sempre foi utilizada para expressar pensamentos e ideologias e muitas vezes utilizada por manifestantes em seus protestos e reivindicações. Diante da riqueza de elementos que constitui a letra de uma música, achamos pertinente a utilização desse gênero textual em nossa análise.

A música de Geraldo Vandré traz uma temática relativa ao momento histórico-político-social da década de 60, momento em que o Brasil, após um golpe de estado, vivia em plena ditadura militar. A partir dessa análise, objetivamos fazer a compreensão

do sentido do texto numa perspectiva histórica e atual, tentando correlacionar o interesse do autor na composição da música com os acontecimentos histórico-sociais, tendo em vista que a música apresenta a maneira como o autor compreende os fatos e revela, muitas vezes de forma figurativa, a mobilização populacional contra a censura vivida na época, transmitindo, assim, uma visão crítica da realidade dos anos 60.

Nossa tentativa é fazer com que o leitor atual conheça a história do seu país e passe a reconhecer a importância da música “Pra não dizer que não falei de flores” no contexto político-social do Brasil, como também as suas contribuições para a transformação da história da sociedade brasileira até os dias de hoje.

## CONTEXTO HISTÓRICO

A música “Pra não dizer que não falei de flores” do cantor e compositor Geraldo Vandré foi composta no ano de 1968. Esse ano foi marcado por diversos acontecimentos tanto no Brasil quanto no mundo. Foi um ano que marcou a história mundial em todos os seus aspectos, como confirma Lopes R.(2008) ao dizer que depois de 1968 o mundo nunca mais seria o mesmo. Nesse ano acontecia a Guerra no Vietnã, a Primavera de Praga, houve o assassinato de Martin Luther King e Robert Kennedy, o Festival de Cinema de Cannes. No Brasil, foi imposto o AI-5 e o houve surgimento de movimentos como a Tropicália, etc.

A canção foi composta em plena ditadura militar, quando o governo Médici prendia, torturava e exilava muitas pessoas. Havia a censura no teatro, na TV, no cinema, na música e até nas universidades, o que impossibilitava a germinação de uma cultura crítica. Por esses motivos, surgiu naquela época uma efervescência de movimentos contrários à ditadura. É nesse cenário que a música entrou como um importante objeto de protesto utilizado nas passeatas pelos diversos grupos de manifestantes.

“Pra não dizer que não falei de flores”, também conhecida por “Caminhando”, foi a vice-campeã do 2º Festival Internacional da Canção e foi considerada um hino contra a ditadura por ser

uma afronta direta ao governo e à tortura a que alguns eram submetidos pelos militares. Em seus versos, Vandr e cita a luta armada e a imobilidade das pessoas que defendiam a diplomacia, critica os movimentos que pregavam “paz e amor”, mostrando que de nada adiantava “falar de flores”   aqueles que atacam com armas. Por esse motivo, a can o foi proibida e Geraldo Vandr e teve que ir para a Europa e durante anos foi completamente esquecido pelo público.

Geraldo Pedroso de Araújo Dias Vandreg silo, o Geraldo Vandr e, nasceu na Cidade de João Pessoa, Paraíba, em 12 de Setembro de 1935, era um cantor popular de fala dura e objetiva, que comp s várias músicas como “Bandeira Branca”, “Disparada”, “Sonho de um carnaval”, entre outras. Ficou mais conhecido através da música “Pra não dizer que não falei das flores”, na qual assumiu de forma mais intensa o seu caráter questionador e ofensivo contra o regime ditatorial e por conta disso foi exilado durante o AI-5. Após o exílio, Vandr e comp s a música “Fabiana” em homenagem   Força Aérea Brasileira, abandonou a vida pública e viveu afastado do mundo artístico. Contam-se duas lendas sobre o exílio de Geraldo Vandr e: a primeira, e mais difundida,   que ele foi preso, torturado e castrado e como consequência teria enlouquecido; a segunda   que ele fez um acordo com os órgãos de repressão na sua volta e, para tanto, comp s “Fabiana”. No entanto, de acordo com ele, ele não teria sido preso, simplesmente abandonou o país pela persegui o que sofria.

A música foi realmente um produto da época e foi composta de acordo com o contexto em que a sociedade estava envolvida naquele momento. E como o contexto pode, realmente, definir o sentido do discurso e, normalmente, orienta tanto a produ o quanto a recep o, o autor comp s a letra da música com o objetivo de protestar contra o sistema ditatorial. De acordo com Koch & Elias (2009), o texto   lugar de intera o de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos. A música de Vandr e   um texto que busca interagir com a sociedade, com a inten o de despertar as pessoas que assim como ele estão vivendo sob o jugo da ditadura, entretanto, esse texto não interage somente com a

sociedade de 1968, é um texto de sentido atual que fala da luta social e da busca por mudanças tanto políticas quanto educacionais e sociais.

A música, além de ser um protesto, é uma chamada à militância pela libertação da ditadura. E todas as camadas sociais sentiram-se inseridas nesse convite. Nos dois primeiros versos, o autor diz: “Caminhando e cantando e seguindo a canção/ Somos todos iguais braços dados ou não”. Esta frase também nos mostra que, independente de crenças e ideias, as pessoas são iguais, estando elas do mesmo lado ou não. Em outro parágrafo, ele diz: “Nas escolas, nas ruas, campos, construções”, o que significa que as manifestações eram compostas de pessoas de diversos ambientes, mas que possuíam o desejo de mudanças em comum: agricultores, jornalistas, intelectuais, padres e bispos. A maneira encontrada para protestarem pelos seus direitos era juntar aqueles que também possuíam ideias de mudança e desejo por um país melhor.

Segundo Dárcio Fragoso<sup>2</sup>, Vandrê formou-se em direito e se interessava por movimentos estudantis, era membro do CPC (Centro Popular de Cultura) e da UNE (União Nacional dos Estudantes), era um militante dos movimentos que surgiram contra a ditadura e, portanto, tinha conhecimento sobre o que estava escrevendo e com que intenção estava escrevendo. Com base nesses pressupostos históricos, passaremos aos elementos de coesão e coerência presentes no texto da música.

## INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade. Segundo Val (1991), o intertexto é o que faz um texto dependente do conhecimento de outros. Inúmeros textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros textos, que funcionam como seu contexto. No caso da música de Geraldo Vandré, percebemos que os intertextos utilizados estão nos acontecimentos da época, o slogan de paz “Faça amor e não faça a guerra”, as

manifestações e palavras de ordem: “Só o povo organizado conquista o poder”, gritadas nas caminhadas.

Segundo Koch & Elias (2009), a intertextualidade ocorre de forma implícita, quando não há citação expressa da fonte, ou explícita, quando há citação da fonte do intertexto. Na música de Vandré, não percebemos a princípio alguma intertextualidade. No entanto, em sua produção predomina uma intertextualidade implícita, pois ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido da canção. Só após a adesão de alguns conhecimentos de outras músicas compostas por ele e por compositores da época, podemos então identificar algumas intertextualidades. Vejamos:

A utilização da palavra ‘flores’ no título da música é uma retomada à ideia iniciada por Chico Buarque de Holanda na composição da peça Roda Viva:

*Para nós, no Universo  
Só existe paz e amores  
Nós só cantamos um verso  
Que fala em flores, flores, flores.  
Há quem nos fale de guerra  
Morte, miséria terrores  
Quando nos falam de terra  
Plantamos flores, flores, flores.*

Segundo Dalton<sup>3</sup>, o título da música de Vandré é a continuação de um diálogo com a peça de Chico Buarque. Ainda segundo Dalton, há um diálogo artístico de cunho social entre Vandré e Chico Buarque em diversas músicas compostas por eles. O que percebemos também nos seguintes versos de Vandré:

*Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Somos todos iguais braços dados ou não*

Eles se assemelham aos versos de Chico Buarque na música “Marcha para um dia de Sol”:

*Eu quero ver um dia  
Numa só canção*

*O pobre e o rico  
Andando mão a mão.*

Em diálogo com suas próprias canções, Vandrê retomou, nessa música, trechos pertencentes à outra composição sua, a música “Sonho de um carnaval”, no trecho:

*Era uma canção,  
Um só cordão.  
E uma vontade  
De tomar pela mão  
De cada irmão pela cidade.*

Esse trecho compara-se com os versos:

*Pelas ruas marchando indecisos cordões  
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão*

Nos versos: “*Nos quartéis lhes ensinam antigas canções, de morrer pela pátria e viver sem razão*”, parece ficar explícito que essas antigas canções dizem respeito ao refrão do Hino da Independência do Brasil:

*Brava gente brasileira  
Longe vá temor servil;  
Ou ficar a pátria livre,  
Ou morrer pelo Brasil.  
Ou ficar a pátria livre,  
Ou morrer pelo Brasil*

Esse hino contra a ditadura representa as passeatas que reuniam, em sua maioria, jovens que entoavam hinos e músicas. A letra da música é uma representação da realidade e por isso é também um texto informativo através do qual é possível compreender os acontecimentos sociais da época. Observamos, então, que a música de Vandrê é constituída a partir de várias outras leituras e a identificação da intertextualidade implícita ou explícita presente no texto vai depender do conhecimento de mundo possuído pelo leitor e da recuperação de informações interiorizadas na sua memória, para que assim se construa o sentido do texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Bakhtin (1997: 334), o ato humano é um texto potencial e não pode ser compreendido (na qualidade de um ato humano distinto da ação física) fora do contexto dialógico de seu tempo (em que figura como réplica, posição de sentido, sistema de motivação). Nesse sentido, a música de Geraldo Vandré é bastante clara para aqueles que se familiarizaram com a década de 60. Para outros, no entanto, ela tem a função de conscientizar e informar sobre o ano de 1968 e os demais que se seguiram de ditadura militar, fazendo repensar sobre atitudes e ideais, sobre o velho e o novo, e como o ditado “um por todos, e todos contra um” foi tão intenso durante aqueles anos. Os estudantes daquela época podem não ter derrubado a ditadura, mas foram vistos como parte importante e indispensável na história do Brasil. Diferentemente desses, os jovens de hoje parecem não lutar pelos seus interesses, apenas reclamam pela insatisfação contra a corrupção, a injustiça e todos os problemas sociais, mas não passam de reclamações, não há luta, pelo menos tão expressiva como as da década de 60, pela construção de uma sociedade melhor e democrática.

Mesmo depois de 40 anos, essa composição ainda pode expor-nos a importância da luta pelos nossos objetivos, desejos e ideais, mas principalmente como o conhecimento dos próprios direitos e deveres é imprescindível para que se construa uma sociedade melhor e democrática, além de ser o nosso principal dever como cidadão. Atualmente a canção foi utilizada, mais precisamente em 2006, como intertexto numa propaganda do Governo Federal, utilizada como trilha sonora de campanhas de políticas de educação como o PROUNI - Programa Universidade Para Todos, que oferece bolsas de estudos em instituições de educação superior privadas - e o ENEM, Exame Nacional do Ensino Médio, que além de ser usado selecionar bolsas do PROUNI, também é utilizado no processo seletivo de faculdades de todo o país. Foram executados trechos isolados e num ritmo diferente do original. Dessa forma, a música que foi considerada uma ameaça ao Governo Ditatorial passou a ser usada para a



publicidade do governo no período da democracia.

Segundo Marcuschi (2008) o texto é uma entidade significativa e de artefatos sócio-históricos, através do qual se reconstrói o mundo, por isso ele pode ser utilizado e/ou reutilizado de acordo à intencionalidade e a situacionalidade do momento. De acordo com Koch & Elias (2009), o texto tem uma existência independente do autor e entre a produção do texto escrito e a sua leitura, pode passar muito tempo, portanto, as circunstâncias da escrita (contexto de produção) podem ser absolutamente diferentes das circunstâncias da leitura (contexto de uso). Foi exatamente o que aconteceu com a música de Vandré. Muitos que a escutam hoje não conseguem absorver a intencionalidade do autor no momento da escrita, acham a letra bonita e motivadora, mas não conseguem ligá-la ao período da Ditadura Militar.

Ao reutilizar a música, o Governo Federal objetivou alcançar outro tipo de público. Um público que, de certa maneira, se identifica com a letra e se enxerga dentro dela, porém, não conhece a sua história. Ao contrário do que fez Vandré, a intenção do Governo não foi a de mobilizar a população para marchar e lutar pelos seus direitos, mas sim de incentivar os jovens a aceitar os seus interesses e de certa forma lutar ao seu favor.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DALTON. Roda viva - O divisor das flores. MPB Sapiens. Disponível em: <<http://mpbsapiens.com/roda-viva-o-divisor-das-flores/>> Acesso: 13 maio 2010.

FRAGOSO, Dárcio. **Músicas brasileiras de todos os tempos**. Disponível em: <[www.paixaoeromance.com](http://www.paixaoeromance.com)>. Acesso: 13 maio 2010.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LOPES, Reinaldo José. O ano que sacudiu o mundo. *Revista Aventuras na História*, n. 58, p. 24-37, maio, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. Martins Fontes, 1991.

VANDRÉ, Geraldo. *Pra não dizer que não falei das flores*. São Paulo: Discos RGE-Fermata, p. 1979. 1 LP.

## NOTAS

1 A letra da música *Pra não dizer que não falei de flores* encontra-se em anexo.

2 Dácio Fragozo é pesquisador, historiador musical e divulgador de músicas populares brasileiras, Disponível em <<http://www.paixaeromance.com.br>>, acesso em: 13 maio 2010.

3 Dalton é analista e pesquisador musical. Disponível em <[www.mpbsapiens.com](http://www.mpbsapiens.com)>. , acesso em: 13 maio 2010..

## ANEXO

Pra não dizer que não falei de flores  
Geraldo Vandré

Caminhando e cantando  
E seguindo a canção  
Somos todos iguais  
Braços dados ou não  
Nas escolas, nas ruas  
Campos, construções  
Caminhando e cantando  
E seguindo a canção  
Vem, vamos embora  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer

Pelos campos há fome  
Em grandes plantações  
Pelas ruas marchando  
Indecisos cordões  
Ainda fazem da flor  
Seu mais forte refrão  
E acreditam nas flores  
Vencendo o canhão  
Vem, vamos embora  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer  
Há soldados armados  
Amados ou não  
Quase todos perdidos  
De armas na mão  
Nos quartéis lhes ensinam  
Uma antiga lição:  
De morrer pela pátria  
E viver sem razão  
Vem, vamos embora  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer  
Nas escolas, nas ruas  
Campos, construções  
Somos todos soldados  
Armados ou não  
Caminhando e cantando  
E seguindo a canção  
Somos todos iguais  
Braços dados ou não  
Os amores na mente  
As flores no chão  
A certeza na frente  
A história na mão  
Caminhando e cantando  
E seguindo a canção  
Aprendendo e ensinando  
Uma nova lição  
Vem, vamos embora  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer